

ALGUMAS EXPOSIÇÕES

*já citados
sem interesse
para o público*

O SONHO E A REALIDADE

Fomos rever o acervo do Museu de Arte Moderna, finalmente organizado e montado para a visita pública. Entre os diversos catálogos escolhemos um não dos mais luxuosos, com apenas algumas ilustrações a cores e textos elucidativos curtos porém suficientemente claros para se percorrer toda a coleção. À saída, adquirimos postais reproduzindo algumas das obras que mais nos impressionaram, para enviar a amigos do estrangeiro, e três boas reproduções a cores, tamanho natural, para nossa casa de Cabo Frio que não oferece segurança para abrigar originais valiosos.

Quando acontecerá isto com o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro? Talvez quando possamos ter uma casa de praia ou comprar um original de Picasso... Então recomendamos a crônica:

Fomos rever parte do acervo de quadros abstratos do MAM, separados e montados para visita pública. Não dizemos selecionados porque não entendemos o critério que orientou a escolha. Falta um Iberê Camargo, ou um Mabe, por exemplo, quando nomes menos importantes ocupam os lugares que por direito cabiam aos dois e a outros. Ou não terá o Museu exemplares destes artistas?

Mas foi um prazer rever alguns quadros já conhecidos de exposições anteriores e fazer confrontos entre nossos abstratos e expressivos artistas estrangeiros. Bem como fazer indagações do tipo: «acabou-se o abstracionismo?» — «para onde vai?» — «quem permanecerá?» — etc.

Um cartão indica apenas nome do artista e título da obra. Nada sobre a nacionalidade do pintor, sobre a data da obra. Saberão os estudantes que lá se encontravam que Vieira da Silva (omitiram Maria Helena) é mulher e não é brasileira e que brasileiro é Frans Krajcberg ou Fukushima? Como não há catálogo ou um simples folheto mimeografado, pode-se exigir um pouco mais de informação que atenda às finalidades didáticas da organização.

De um total de 50 trabalhos (alguns artistas com dois), anotamos Miró, Klee, Soulages, Hartung, Rpthko, Mathieu, Fontana, Poliakov, Albers, Motherwell, Santomaso, Manessier — nomes estrangeiros que dão gabarito ao acervo do MAM e de brasileiros como Antônio Bandeira, Ivã Serpa, Krajcberg, etc.

Baravelli, Fajardo, Nasser e Resende eram os quatro nomes impressos na capa do luxuoso (para nós) catálogo de uma exposição apresentada pela Petite Galerie

Alunos de Wesley Duke Lee, explicaram. O catálogo, com 24 páginas de ilustrações, nada explica sobre as intenções dos artistas, não possui textos nem fotos das obras expostas. Uma referência a Baravelli como sendo "8" da esquerda para a direita, fila do alto", numa fotografia de formatura e uma gargalhada de Wesley noutra página. Completo "non-sense" intencional para significar a inutilidade (?) dos catálogos ou simplesmente "pour épater" a numerosa assistência perplexa do "vernissage".

Mas no interior da galeria estava a exposição ou, se quiserem, A Exposição, pois sua importância como lição de acabamento e invenção merece todo o destaque. Há muitos artistas da chamada vanguarda carioca que não acreditam em acabamento (que garante a permanência da obra), nem na invenção (que dá a medida do talento do artista). Para estes, a mostra dos paulistas deve servir de exemplo. Os grandes objetos de Baravelli (exemplo, "O sítio do Picapau Amarelo", feito em acrílico, ferro cromado, madeira laqueada, mármore), ou os de Resende (exemplo: "Glub-Glub", em madeira, espuma e pelúcia de nylon) podem ser citados como os melhores (criação, acabamento) já vistos no Brasil, de artistas brasileiros.

Nasser não compareceu desfalcando o quarteto que, no entanto, soube levar o espetáculo a bom termo. Menos nos agradou, a pintura, tanto do Fajardo como de Baravelli, mas deste último também merecem referência os desenhos da série "After Tiepolo".

instituto de arte contemporânea

GAM n° 14 → 1968 pag. 12